

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-45-4
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE	
Camila Mota Farias	
DOI 10.22533/at.ed.4542012031	
CAPÍTULO 2	10
ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL	
Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4542012032	
CAPÍTULO 3	27
A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Bruno Costa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4542012033	
CAPÍTULO 4	39
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE	
Alyne de Sousa Jardim	
DOI 10.22533/at.ed.4542012034	
CAPÍTULO 5	49
APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	
Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4542012035	
CAPÍTULO 6	63
CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR	
Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.4542012036	

CAPÍTULO 7	71
MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO	
Clara María Temporelli, odn	
DOI 10.22533/at.ed.4542012037	
CAPÍTULO 8	84
O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS	
Fernanda Rodrigues Lagares	
Cassy Lima Santos	
Katiucia da Silva Nardes	
DOI 10.22533/at.ed.4542012038	
CAPÍTULO 9	91
MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ	
Andréa Simone Rente Leão	
Girlian Silva de Sousa	
Edilmar Santana Quaresma	
Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4542012039	
CAPÍTULO 10	108
O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO	
Amarildo Rodrigues da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.45420120310	
CAPÍTULO 11	120
O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA	
Edésio da Silva Pinheiro	
Laércio Farias da Costa	
José Francisco da Silva Costa	
Oselita Figueiredo Corrêa	
Josiane da Silva Moraes	
João Batista Sagica de Farias	
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira	
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.45420120311	
SOBRE A ORGANIZADORA	138
ÍNDICE REMISSIVO	139

MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO

Data de aceite: 10/03/2020

Clara María Temporelli, odn

1 | INTRODUCCIÓN

Trataremos de trenzar tres hilos: la realidad, la Palabra de Dios y la fe del pueblo creyente. Para ello es conveniente dialogar con la situación socio-política-cultural-ecclesial de América latina, nutrirnos con la figura evangélica de María, con su ser de mujer y desenmascarar las proyecciones idealizadas de la mujer, de la madre, de la propia madre, para afirmar con Paulo VI que “María no es una mujer pasivamente sumisa o de una religiosidad alienante (MC 37).

Es María una propuesta de fe que en América Latina se concreta en la religiosidad popular a partir de Nuestra Señora de Guadalupe, modelo de evangelización inculturada. Comprender la función y el sentido de ésta religiosidad es un desafío para la teología.

Al buscar a María, la Mujer de Nazaret y Nuestra Señora de la Fe, constatamos que sigue siendo una presencia viva en la vida

cristiana, que ella continúa siendo invocada, se realizan peregrinaciones a sus santuarios, se la saca en procesión, se celebran sus fiestas. María es visitada y continúa visitando a su pueblo.

El Magisterio eclesial la menciona en sus documentos, homilías y le dedica algunas encíclicas. El pueblo sencillo la ama y sigue viendo en ella una hermana, amiga, madre que consuela y anima. A ella le presentan sus alegrías, tristezas, dolores, encomiendan la cruz personal y la de los pueblos excluidos que no encuentran salida a su realidad. El Evangelio nos la presenta también como discípula y mujer lúcida en el discernimiento

Mientras avanzamos intentamos responder a las preguntas: ¿quién es? ¿qué se ha dicho y escrito sobre ella? ¿por qué?, cómo si ella misma se sorprendiera del desarrollo que su figura ha adquirido con el paso del tiempo. Ha de ser la primera sorprendida con nuestra manera de llenarla de títulos, advocaciones, cultos, joyas; de plasmarla en pinturas, esculturas que adornan palacios, llevarla en estandartes de guerras, de conquistas. Por esto mismo quizá sea ella la primera interesada en que tratemos de buscarla e intentemos encontrarla más al

desnudo, como la madre que realmente fue, como la creyente de su tiempo que no ha dejado de estar presente entre nosotros porque está viva en Dios. Sentimos que es la misma María quien cuestiona nuestro atrevimiento al haberla hecho, en ciertos casos, casi una diosa o un ser totalmente relativo e insignificante en otros, con esta facilidad tan humana de oscilar de un extremo a otro.

2 I “EL CORDÓN DE TRES HILOS NO ES FÁCIL DE ROMPER” (QO. 4,12)

2.1 El hilo de la realidad: situación de globalización y exclusión (cfr. E.G.53-58)

Comenzamos a trenzar el hilo de la realidad. Nos encontramos insertos en un sistema neoliberal que parece incapacitarnos para que tomemos en serio la realidad de los otros, para que sintamos en carne propia la corresponsabilidad ante la miseria y marginación. Esto no nos exime de nuestra corresponsabilidad de poner nuestras fuerzas al servicio de la transformación social, de la construcción de una sociedad justa y solidaria, lo cual pasa por ordenar nuestras vidas e instituciones desde los derechos de los más débiles, quienes tienen rostro, nombre, historia, son personas que reconocidas y amadas, nos desafían a renunciar a ciertos derechos e intereses personales.

Este sistema genera el fenómeno de la globalización que, desde hace unos años los pueblos centroamericanos bautizaron con el término “huracán”, pues ha instalado la muerte en su camino: diariamente mueren 35.000 niños de hambre y/o enfermedades curables con medios adecuados (en dos días mueren más niños que soldados americanos murieron en la guerra de Vietnam), se basa en el eslogan “sálvese quien pueda” y en la afirmación “no hay otra alternativa posible”; destruye viejos muros para construir nuevos; concentra el poder militar, económico, productivo, cultural, tecnológico y tiene costos sociales y ecológicos graves. Una jerarquía geoeconómica regula y administra la concentración del poder y se organiza en torno a estructuras tecnológicas, científicas, financieras, de información...

Hay hechos que caracterizan este dominio ideológico, político, económico: la primacía del mercado “en detrimento de la persona humana como del trabajo”¹; “cuando es el mercado el que gobierna, el Estado se torna frágil y acaba sometido a la perversa lógica del capital financiero. Y el dinero es para servir y no para gobernar”²; la crisis de paradigmas, la pobreza creciente, la exclusión social con poblaciones y continentes sobrantes, los ataques terroristas y conflictos bélicos continuos, los refugiados, la emigración desde el Sur al Norte, la problemática ecológica, el paro, la desocupación...

1 Cfr. Papa Francisco *Evangelii Gaudium* nn. 53-56

2 Cfr. Papa Francisco *Evangelii Gaudium* n.58

La crisis del socialismo estatista y del estado de bienestar con estas fisuras del capitalismo, nos plantea la necesidad de recuperar:

a. *La capacidad de hacer preguntas que toquen fondo.* Como lo hizo María de Nazaret: “¿Cómo sucederá esto?; ¿Por qué te has portado así con nosotros?”. Como lo hizo en 1511 en La Española Antonio de Montesinos: “¿Con qué autoridad?” “¿Con qué justicia?” “¿Por qué dicen que es legítima la conquista?” “¿Es que estos no son hombres?”. Como las preguntas que escuchó Juan Diego de la Virgen de Guadalupe: “¿No estoy yo aquí que soy tu Madre? ¿No estás bajo mi sombra? ¿No soy tu salud? ¿No estás por ventura en mi regazo? ¿Qué más has menester?” (NM 118-120).³ Preguntar en nombre de cientos de millones de seres humanos que sufren

b. *La gratuidad* frente a un sistema en el que todo tiene precio, se compra o se vende, se gana o se pierde. Gratuidad como talante de vida que la hace fértil, la alegra, la despliega. A imagen de la mujer maya, vinculada toda ella con la fecundidad de la madre tierra quien al sembrar su maíz, *en cada hoyito que hace en la tierra pone cinco granos: uno para la familia, uno para el caminante, uno para la fiesta de la comunidad, uno para los animalitos del campo y uno para la próxima siembra* (conocido por tradición oral)

c. *La resistencia*, frente a la desesperación y la inevitabilidad, vivida y transmitida por nuestros pueblos: “*Arrancaron nuestros frutos, cortaron nuestras ramas, quemaron nuestros troncos, pero no pudieron nunca matar nuestras raíces*” (Popol Vuh⁴ -sabiduría ancestral maya-). Cultura de la resistencia que recogió poéticamente Pablo Neruda en un grito esperanzador: *podrán cortar todas las flores, pero no podrán detener la primavera.*

d. *Lo más profundo de la humanidad: el amor y la solidaridad*, que con su energía nos sostiene en el compromiso transformador, en la defensa de los derechos humanos; *la armonía y la paz* frente a la violencia organizada a grandes escalas. Nucleados estos valores en el movimiento social es posible llegar a frenar las barbaries de la violencia y la explotación.

e. *El ideal de la justicia internacional de reparto* para todos los pueblos y personas desde el reconocimiento de sus derechos, igualdad y dignidad, para un cambio de conciencia y para la apertura a la dimensión social.

f. *Lo acumulado como saber*, durante más de cuarenta años, en el *caminar eclesial* marcado por Vaticano II, Medellín, Puebla; por las CEBs, por los fenómenos latinoamericanos de *Educación Popular*.

g. *La solidaridad con la naturaleza*, rescatando los brotes de vida de una

³ *Nican Mopoha*, traducción del náhuatl por P. F. VELÁSQUEZ tal como aparece en **Monumenta Histórica Guadalupeña, n. 3 Documentario guadalupano (1531-1768)**, México 1980, 45-66, en C. PERFETTI, *Guadalupe. La tilma de la Morenita*, Paulinas, Buenos Aires 1992, 46-66.

⁴ **Popol Vuh**: significa Libro Común, según la tradición maya, narra el comienzo y el sentido de todas las cosas. Sus ideogramas contienen una especie de relato base que sacerdotes y sabios de las comunidades interpretaban de forma sagrada

conciencia planetaria, tendiente a una nueva síntesis científico-técnica y ético-religiosa, sobre la base cósmica y a una unidad pacífica entre las criaturas que ayudan a un cambio en la dimensión ecológica.⁵

*h. La solidaridad entre hombres y mujeres, sobre la base de la igualdad de rango de la mujer, para un cambio de conciencia en la realización de los derechos humanos, sociales, eclesiales y políticos de hombres y mujeres.*⁶

*i. El aporte que la tradición de las religiones proféticas (judaísmo, cristianismo, islam) y ancestrales de los pueblos indígenas y afroamericanos, pueden dar al cambio global de conciencia y a la dimensión ecuménica.*⁷

2.2 Trenzamos la realidad y la Palabra de Dios

Sobre el trasfondo de la realidad la lectura teológica deduce la imagen de María como creyente, profetisa, discípula... Consideramos fundamental la interpretación dada a la Palabra de Dios en el Magnificat (Lc 1,48-53), el esquema que María ve realizado en ella misma es el de abajamiento - exaltación (vv.48-49). En este “cambio de situación” entran muchas dimensiones: las grandes cosas obradas por Dios, la alabanza de que la harán objeto las generaciones, la predilección hacia los pobres por parte de Dios misericordioso, la constante en virtud de la cual la debilidad se convierte en instrumento preferido del poder de Dios (2 Cor 12,9), la inclusión de la mujer en el plan de salvación.

La lógica divina del *abajamiento-exaltación* es una dinámica continua en la historia de salvación que se ve reflejada tanto en el cántico de María, como también muy claramente en el himno cristológico de Flp 2,6-11. Entre estos himnos existe una relación, ante todo, de motivos. En Filipenses Jesús se ha hecho el siervo universal, el *doulos* humillado donde viene a condensarse toda la pobreza-humillación de la humanidad que supone Lc.1,51-53. Por eso, la elevación de esos pobres humillados ha de interpretarse desde el fondo de la resurrección de Jesús, como señal de su presencia sobre el mundo.

El esquema *humillación-exaltación* informa sobre el pensamiento de los primeros cristianos. Los vv.51-53 del Magnificat se desarrollan conforme a este dinamismo. Cuando los judeocristianos escuchaban el himno de María, no podían menos que pensar en quien para ellos era el “arquetipo” de la humillación enaltecida: Jesús de Nazaret (cf Hch 2,25-28; 30-36; Flp 2,6-11). En su glorificación se sentían glorificados los humillados, y glorificada en representación de todos, María, la madre del Señor.

Los fieles cristianos descubren que triunfa quien se ha hecho pequeño y ha tomado la forma de siervo (cf Flp 2,6-8), y en él se condensa toda la pobreza-

5 Cfr. Papa Francisco “*Laudato sí*”

6 Cfr. Papa Francisco ante el CELAM en Bogotá 07 de septiembre de 2017

7 Cf. H. KÜNG, *El cristianismo. Esencia e historia*, Trotta, Madrid 1997, 778-780.

humillación del ser humano que suponen los vv.51-53. ⁸ Por eso la humillación de esos pobres ha de interpretarse desde la Resurrección de Cristo (cf Flp 2,10).

María se inscribe en esta constante bíblico - teológica: Abraham, hijo de idólatras (Jos 24,2) es escogido para ser padre de un gran pueblo de creyentes (Gn 12,1-3); Dios escucha el clamor del pueblo oprimido en Egipto y lo libera (Éx 3,7-9), mediante Moisés, un exiliado y forastero en tierra extraña (Éx 2,22; 3,11); elige al insignificante David (1 Sam 16,4-11) y rechaza a Saúl (1 Sam 15,10s); personajes débiles y desconocidos como Gedeón (Jc 6-8), Débora (Jc 4-5), Judit, salvan al pueblo de la opresión; mujeres estériles y ancianas que sufren el oprobio de su infecundidad, conciben hijos que juegan un papel importante en la historia de Israel: Sara (Gn 15,3; 16,1; 18,20), Rebeca (Gn 25,21), Raquel (Gn 29,31), la mujer de Manuaj, madre de Sansón (Jc 13,2), Ana, la madre de Samuel (1 Sam 1,9s), Isabel, la madre del Bautista (Lc 1,5s), pues para Dios no hay nada imposible (Gn 18,14). Dios es el que libera a los exiliados y les prepara un camino sin lomas ni cerros (Is 40,3-5), es el que ha escogido un pueblo pequeño y es su auxilio (Is 41,8-19); es el que hace florecer el desierto y convierte la tierra seca en manantiales (Is 41,17-20), el que alienta a los corazones humillados (Is 57,15). Su Espíritu envía a anunciar la buena nueva a los pobres y la liberación a los desterrados (Is 61,1-3). A Dios se le estremece el corazón y se le conmueven las entrañas maternas ante Efraín (Os 11,8); él se compadece del pobre y del débil, mientras desprecia a los autosatisfechos (Eclo 10,14-15; 1Sam 2,7-8; Job 5,11; Sal 34,11).

En este contexto bíblico, en el que el pequeño y humillado es exaltado, se sitúa María: Dios elige para madre de su Hijo a una hija de Israel, una mujer del pueblo, pobre y desconocida;⁹ y para que aparezca más su misericordia y el poder de su Espíritu, es una mujer virgen, pues para Dios no hay nada imposible (Lc 1,37 cf Gn 18,14). Jesús, su Hijo, continuará esta trayectoria: nacido pobre, viene a evangelizar a los pobres (Lc 4,16) y se compadece de todos los que pasan hambre y están como rebaño sin pastor (Mc 6,34; 8,2). Esto precisamente lo conducirá a ser rechazado por los que ejercían el poder en su tiempo y lo llevará a la cruz.

Lucas ha puesto en labios de María en breve síntesis, esta forma de proceder de Dios. Esta línea bíblica se recoge en otros textos del NT, por ejemplo: “Ha escogido Dios más bien a los locos del mundo para confundir a los sabios y ha escogido Dios

⁸ Cf. X. PIKAZA, *La madre de Jesús*, Sígueme, Santander 1992, pp 81-96.

⁹ “[...] cuando María en Lucas está hablando de humillación, está retomando los datos que el evangelista había aducido al presentar a María: la bajeza de su origen (María fue una campesina, sin aureola, sin recursos y sin medios. Para presentarla Lucas necesita dar el nombre de su pueblo -Nazaret Lc 1,26-, la localización de éste -Galilea: Lc 1,26- y su referencia familiar -casada con un hombre, José: Lc 1,27-. Sólo luego de estos datos nos dice su nombre) y lo despreciable de su condición “no conocer varón” (Lc 1,34), a lo que habría que añadir su condición de mujer, en aquella sociedad en la que los fariseos daban gracias a Dios por no ser paganos, ni mujeres, ni impuros” Cf J.I. GONZÁLEZ FAUS, *Memoria de Jesús, memoria del pueblo. Reflexiones sobre la vida de la Iglesia*. Sal Terrae, Santander 1984, 16-17.

a los débiles del mundo para confundir a los fuertes.” (1 Cor 1,27 cf St 2,5).

*Esta pedagogía divina de ternura y debilidad por los pobres, es la revelación concreta en la historia del misterio de la salvación, de la absoluta y soberana libertad de Dios, cuya iniciativa es benevolente y gratuita.*¹⁰

En María se ejemplifica y se sacramentaliza la constante trayectoria de Dios en la historia de salvación. C. Mester lo ha formulado así:

*En la lectura de la Biblia aparece una constante desde Abraham hasta el fin del Nuevo Testamento: la voz de Dios toma forma, profundidad y sentido siempre en los marginados. En las épocas de crisis y renovación, Dios interpela a su pueblo desde la marginación, y éste comienza a recuperar el sentido y el dinamismo perdido en su marcha.*¹¹

La salvación de Dios pasa por el camino de la conversión: sin ella el mundo continúa en su iniquidad y en sus divisiones. Esta liberación apunta siempre hacia el mismo fin: hacer de todas las personas hijas de Dios, hermanas entre sí, seres libres frente a los bienes de este mundo y miembros del Reino de Dios.

En el cántico de María comprendemos su figura desde esta dimensión que está presente en la piedad mariana latinoamericana y caribeña. María la mujer del “sí” a Dios es la misma que la del Magnificat en el que manifiesta el rechazo al *anti-reino y a sus estructuras injustas presentes en los diversos momentos históricos*. Su persona es canal del sí de Dios a la justicia, a la misericordia; y del no de Dios a las fuerzas del mal que impiden vivir la alianza entre las personas y con Dios.

El documento de Puebla afirma:

El Magnificat es espejo del alma de María. En ese poema logra su culminación la espiritualidad de los pobres de Yavé y el profetismo de la antigua alianza. Es el cántico que anuncia el nuevo evangelio de Cristo: es el prelude del sermón de la montaña (n. 297).

Y Juan Pablo II reafirma en su encíclica *Redemptoris Mater* (RM):

La Iglesia, aun en medio de tentaciones y tribulaciones, no cesa de repetir con María las palabras del Magnificat, se ve confortada con la fuerza de la verdad sobre Dios, proclamada entonces con tan extraordinaria sencillez y, al mismo tiempo, con esta verdad sobre Dios desea iluminar las dificultades y, a veces, las intrincadas vías de la existencia terrena de los hombres. (37).

Puede ser bueno concluir con unas palabras de Juan Pablo II en el santuario mariano de Zopapan:

María nos permite superar las múltiples estructuras de pecado [...] y obtener la

¹⁰ Cf. V. CODINA, “Mariología desde los pobres”, en *Pastoral Popular*, vol XXXVII/3, Santiago de Chile 1986, 228-235.

¹¹ C. MESTER, “El futuro de nuestro pasado”, en *SEDOC, Una Iglesia que nace del pueblo*, Salamanca 1981, 107.

gracia de la verdadera liberación, con esa libertad con la que Cristo ha liberado a todo hombre. De aquí parte, como de su verdadera fuente, el compromiso auténtico por los demás hombres, nuestros hermanos, especialmente con los más pobres y necesitados, así como el compromiso por la necesaria transformación de la sociedad: porque esto es lo que Dios quiere de nosotros, y a esto nos envía con la voz y la fuerza de su Evangelio, al hacernos responsables a los unos de los otros. María es modelo fiel y cumplidor de la voluntad de Dios para quienes no aceptan pasivamente las circunstancias adversas de la vida personal y social, ni son víctimas de la alineación, como se dice hoy, sino que proclaman con ella que Dios es vindicador de los humildes y, si es el caso, depone del trono a los soberbios. Ella es, así, ‘tipo perfecto del discípulo de Cristo, que es constructor de la ciudad terrenal y temporal, pero tiende al mismo tiempo a la ciudad celestial y eterna; que promueve la justicia, libera a los necesitados, pero, sobre todo, es testigo de aquel amor activo que construye a Cristo en las almas’ (Paulo VI) [...] De este modo, la religiosidad popular se irá perfeccionando cuando sea necesario, y la devoción mariana adquirirá su pleno significado en una orientación trinitaria, cristocéntrica y eclesial.¹²

Por todo lo expresado la realidad es el lugar hermenéutico para conocer y amar a María.

2.3 El hilo de la fe del pueblo creyente. Centralidad de la devoción a María en la religiosidad o piedad popular

Después del Concilio Vaticano II la religiosidad popular llegó a ser observada con desconfianza tanto por teólogos católicos como protestantes. No obstante, en la realidad pastoral de algunos contextos el tema recobró actualidad, rescató su valor comunitario, festivo, su sentido de pueblo de Dios y su relación con María. No obstante aún hoy es objeto de diversas valoraciones.

Los obispos latinoamericanos¹³ reunidos en Puebla, en el año 1979, durante la III Conferencia Episcopal Latinoamericana, han expresado que la religiosidad popular de la región refleja el conjunto de valores, actitudes, conductas y expresiones tomadas del dogma católico que constituyen la matriz cultural de nuestros pueblos y configuran su sabiduría. Y una de las expresiones más significativas es María.¹⁴ Consideraron lo *religioso-popular* como la forma particular de inculturación de la fe católica en este continente, el anhelo de liberación y de salvación global presente en él y ejemplarmente expresado por el mismo. Según el documento de Puebla:

La religión del pueblo latinoamericano, en su forma cultural más característica,

12 **Discursos de Juan Pablo II** en México, 73.

13 Al hablar de América Latina incluimos “El Caribe”

14 Este documento se suele conocer simplemente como **Documento de Puebla** (DP) o bien como Puebla. Aquí nos referimos especialmente a sus números 444-451.

*es expresión de la fe católica. Es un catolicismo popular.*¹⁵ [Esta sabiduría popular católica] conlleva creadoramente lo divino y lo humano, Cristo y María, espíritu y cuerpo, comunión e institución, persona y comunidad, fe y patria, inteligencia y afecto.¹⁶

Semejante expresión del código religioso-popular no es expresión de una clase social particular, sino que está presente en el cuerpo social latinoamericano entero y, consiguientemente, une a las multitudes, realizando la universalidad concreta del anuncio cristiano. Esa religiosidad popular caracteriza la identidad histórica de América Latina y constituye: “Una manifestación privilegiada del sentido de fe del pueblo de Dios, en la que tiene importancia la dimensión comunitaria y participativa”.¹⁷ La piedad popular expresa su fe de acuerdo con sus posibilidades de sentir, percibir y captar el misterio en profunda relación con su realidad histórico-cultural. Sus manifestaciones religiosas tienen —como ya hemos afirmado— una serie de indiscutibles valores aunque no falten algunas deficiencias e impurezas.

Entre los especialistas en esta materia existen quienes prefieren la expresión piedad popular en lugar de religiosidad popular, aunque piedad y religiosidad son aspectos de un mismo fenómeno y, por lo mismo, no tan separables. Consideran que la religiosidad o religión popular es manifestación, gestualidad, comportamiento; mientras que la piedad popular es lo escondido, la matriz, la fuente interior de tales gestos. Descuidar este aspecto, este corazón íntimo, lleva a reducir las expresiones de la religiosidad popular a construcciones sociales o psicológicas, a un subdesarrollo cultural. Paulo VI en *Evangelii Nuntiandi* para subrayar el aspecto interior de la religiosidad popular afirma:

Teniendo en cuenta estos aspectos, la llamamos con gusto piedad popular, es decir, religión del pueblo más bien que religiosidad. (N° 48)

Sintéticamente válida y significativa es la definición dada en el Sínodo de los obispos en 1974 por el cardenal Pironio, que la ve como

La manera en que el cristianismo se encarna en las diversas culturas y estados étnicos y es vivido y se manifiesta en el pueblo.

En esta definición están implicadas dos grandes pistas: la inculturación del mensaje y la variedad de lo vivido o de sus formas de expresión. La piedad popular pide que la expresión religiosa esté inculturada.

También el adjetivo *popular* necesita cierta precisión. Cuando se lo usa unido

15 Puebla, n. 444.

16 Puebla, n. 448.

17 Cf Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 48; Puebla: *Evangelización y piedad popular*. “Es fundamental para la piedad popular la sencillez en las relaciones con Dios, la actitud directa, sin mediación clerical, la eficacia en esa relación, eficacia que a veces entra dentro de la magia, la superstición o el fanatismo, la importancia del símbolo y de la imaginación, de la mística y de la fiesta, la consecuencia en la socio-política ya que ha contribuido a mantener al pueblo unido para luchar por la libertad, la autonomía o la justicia”. Citado por J. M. ARNAIZ, “María en la piedad popular entre la perplejidad y la creatividad”, en *Eph Mar* 46 (1996), nota 4, 506.

a piedad o religiosidad no tiene una connotación de clase social o económica. Sin embargo, su sentido depende en buena parte de la significación de *pueblo* y *pueblo de Dios*. La palabra pueblo hace referencia a lo que es de todos, a lo que pertenece a la gente, a lo que no es exclusivo ni excluyente.¹⁸ “Pueblo” es un universal y puede ser tomado aquí en el sentido que le ha dado Vaticano II:

Todos los hombres están llamados a formar parte del pueblo de Dios (LG 13). La Iglesia o pueblo de Dios, introduciendo este Reino, no disminuye el bien temporal de ningún pueblo; antes al contrario, fomenta y asume, y al asumirlas las purifica, eleva y fortalece todas las capacidades, riquezas y costumbres en lo que tienen de bueno [...] (LG 18).

Por lo tanto, es la fe y piedad que vivimos dentro del pueblo cristiano, de un modo sencillo y entrañable. Lo popular, en realidad, se identifica con lo sencillo y resulta opuesto a lo ilustrado; en resumen se trata de lo devocional en relación con lo litúrgico.

Para comprender mejor la religiosidad o piedad popular latinoamericana,¹⁹ puede ayudarnos el hecho de clarificar —aunque de un modo muy sintético y simple— cómo el cristianismo llegó a estas playas y penetró sin duda, a través de dos vertientes: la misión y la devoción.

La misión tenía como sujeto agente a la Iglesia representada por misioneros y obispos; y como destinatarios primeros a los indígenas; el horizonte era el Concilio de Trento.

La devoción, en cambio, tenía como sujeto agente a la familia y las cofradías; como destinatario al pueblo en general y, como horizonte, la piedad medieval. Gracias a la devoción se superaba la división entre clérigos y laicos, entre estado de perfección (religiosos) y estado de penitencia (laicos), y se pretendía vivir la experiencia cristiana en la vida diaria. Clérigos y laicos debían buscar la perfección y la confrontación fe-vida.

Los colonizadores venían imbuidos de la piedad popular de la *devotio moderna* (movimiento que animó la espiritualidad europea a partir del siglo XIV y hasta bien entrado el XVI). El espíritu comunitario y la devoción a los santos eran aspectos importantes de esta corriente de carácter laico. El espíritu comunitario siempre fue muy notable en la tradición indígena y popular. La devoción a los santos permitía un contacto directo con lo sagrado y se practicaba en la familia y en la comunidad, sin necesidad de que mediara un sacerdote. Así surgieron las novenas, las fiestas, los santuarios, las capillas, las romerías y, especialmente, las cofradías, asociaciones explícitamente dedicadas a mantener viva la devoción. Este tipo de cristianismo devocional pudo ser sincretizado por la cultura latinoamericana.

18 En el origen de bastantes de las formas de la piedad popular que tenemos y conocemos hay que recordar el despegue que el laicado cristiano tuvo de la liturgia, especialmente en la Edad Media.

19 Usaré indistintamente ambos términos: piedad popular y religiosidad popular.

Los historiadores de la Iglesia latinoamericana subrayan que el cristianismo popular constituye una de las creaciones culturales más originales de América Latina. Escasamente controlado por el cristianismo jerárquico y por la ortodoxia oficial, pudo seguir su curso libremente, asimilando elementos de la experiencia religiosa indígena y negra y de la tradición sacramental y litúrgica de la romanización.

El cristianismo contribuyó a formar un pueblo que cree profundamente en el otro mundo [...] en la posibilidad de que todos se salven y de encontrar algo bueno y digno en cualquier parte; [que forjó] un lenguaje que permitía, a un pueblo privado de todo y que no conseguía comunicarse con sus representantes legales, hablar, ser oído y recibir a los dioses en su propio cuerpo.²⁰

Este cristianismo popular llegó a adquirir consistencia por sí mismo, aun cuando fuera objeto de desconfianza y hasta de desprecio por parte del cristianismo clerical.²¹ Concluimos afirmando que la religiosidad popular es el resultado de un proceso de asimilación de la fe por una persona o por una colectividad, en el cual podemos distinguir dos momentos o dos niveles: uno histórico y otro socio-cultural.

Cuando el verdadero acto de fe cristiana prende en una persona y, especialmente en un pueblo, logra que dicho pueblo no sólo celebre la salvación universal de Dios, sino que, al mismo tiempo, engendre al Dios Salvador, a Jesús —y a su invisible universo soteriológico—, en su historia, en su sociedad y en su cultura, reconociéndolo como miembro privilegiado de su familia, lo que permite afirmar con originalidad cristiana que el pueblo se regocija “en Jesús mi Salvador”.

La palabra de Dios y, por tanto, el dato revelado, mientras no sea aceptado por la fe, es observado desde fuera con indiferencia escéptica (Hch 17,16-33), o con incompreensión y rechazo agresivo (Hch 6,8-8,1). Pero, una vez acogido por la fe en el pueblo, entra inmediatamente en comunión con el universo histórico y socio-cultural del mismo pueblo, iniciándose una segunda etapa de asimilación, lo que origina una religiosidad popular. Es el momento en el que el objeto de la fe, Jesús, se integra como el nuevo Jesús autóctono —permaneciendo siempre el mismo—, y comienza a generarse como Hijo Salvador de la nueva porción del Pueblo de Dios.

Cuando la asimilación de la fe es auténtica, se produce enseguida una traducción de la palabra evangelizadora al idioma del nuevo creyente. Pero, prescindiendo de los problemas que implica toda traducción, se trata en este caso de una nueva y original forma de expresar y proclamar la salvación de Dios. Así constataba Garcilaso que los aborígenes:

[...] no contentos con oír a los sacerdotes los nombres y renombres que a la Virgen dan en la lengua latina y en la castellana, han procurado traducirlo en su lengua general, y añadir los que han podido por hablarle y llamarle en

20 Cf. R. DE MATTA, *O que faz o brasil*, Río de Janeiro 1984, 117.

21 Cf. L. BOFF, *Quinientos años de Evangelización. De la conquista espiritual a la liberación integral*, Sal Terrae, Santander 1992, 120-123.

*la propia [...] diciéndole Mamanchic que es Señora y Madre nuestra; Coya, Reina; Ñusta, Princesa de sangre real; Zapay, Única; Yurac Amancaes, Azucena blanca; Chasca, Lucero del alba; Citoccoyllor, Estrella resplandeciente; [...] Diospa Maman, Madre de Dios. También dicen Pachacamacpa Maman que es Madre del Hacedor y sustentador del Universo. Dicen Huac Chucuyac, que es Amadora y bienhechora de los pobres.*²²

Es interesante advertir la observación de Garcilaso, al indicar que los indígenas no sólo han traducido las expresiones oídas en su propia lengua, sino que además han procurado “añadir las que han podido por hablarle y llamarle en su lengua”. No podemos olvidar que una lengua es la expresión oral de una determinada cultura inscrita en las coordenadas de una ecología, de una sociedad y de una historia. En la lengua se refleja la cultura situada de un pueblo, y en ella misteriosamente se conserva hasta la más remota memoria de dicha cultura y de dicho pueblo. Cada una de sus palabras es un elemento de la propia estructura lingüística que, a su vez, es otro elemento de la estructura global cultural a la que pertenece. Por ese motivo, la lengua es principio de identificación de un pueblo, de manera tal que, si mediante la traducción permite los fenómenos de comunión con otros pueblos, se resiste sin embargo, a los fenómenos de homogenización y de uniformismo mediante su específica caracterización estructural significativa, que suele ser llamada el “genio de la lengua”.

3 I EL PUEBLO LATINOAMERICANO ANTE MARÍA

La virgen María fue una de las devociones acogida con más universalidad y persistencia por los nuevos cristianos latinoamericanos. Las razones de esta acogida son complejas. Por una parte está la herencia del carácter mariano del catolicismo ibérico, transmitida desde el comienzo de la evangelización. Por otra, el simbolismo religioso de María como madre correspondía, en importantes culturas indígenas precolombinas, al lugar de la *mujer-madre* como valor religioso (por ejemplo, la *madre tierra o pachamama* en el mundo incaico; la *Tonatzin o diosa madre* en el mundo azteca y maya); de ahí la facilidad con que esas culturas adoptaron a la Madre de Dios. Ciertos rasgos culturales también contribuyeron a ello (valor de lo afectivo, lo maternal, de lo familiar...). Y, ciertamente, María era un contenido relevante de la predicación misionera.

También, recordemos que la imagen que los evangelizadores presentaron fue seguramente la imagen de un Dios distante y terrible, castigador de todos los que no aceptasen la nueva ley.

²² GARCILASO, *Comentarios Reales*, L.I. Cap. XXV, citado por R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de María en Iberoamérica y de sus imágenes y santuarios más celebrados*, T.I, Madrid 1956, 55-56.

Frente a un Dios de quien los conquistadores violentos eran viva expresión, el pueblo buscaba refugio, ayuda, consuelo, intercesión, mediadores, misericordia, y “otros dioses” que intercedieran por él ante este todopoderoso Dios.

Los santos — a veces trasposición de sus propios dioses (sol, rayo, vida...) —, la cruz de Cristo, los sacramentos, llegaron a cumplir esa función. Pero, por sobre todo, María se convertirá para ellos en el rostro materno de Dios, el sacramento de su misericordia, *“la gran señal del rostro maternal y misericordioso, de la proximidad del Padre y de Cristo”* (Puebla, n.282).

Frente a un mundo y una religión violenta que infunde miedo, el pueblo recurre a una mujer, a una figura cercana, maternal. Hasta un punto tal en que María concentra y sintetiza sincréticamente antiguas creencias en la Diosa Madre o en la Madre Tierra —esto es algo que dejamos a los historiadores y a los antropólogos—, pero que no disminuye el valor de esta explicación, sino que le da aún mayor fuerza.

María comienza a ocupar un lugar central en la dogmática popular en América Latina. Guadalupe será el símbolo luminoso de su presencia en América, de su proximidad al pueblo pobre y humillado (en el indio Juan Diego). Esta figura de María se irá concretizando luego en diversas invocaciones y santuarios.

¿María puede ser vehículo de una fe auténticamente cristiana o nos hallamos ante un sincretismo, una deformación que es necesario extirpar? No hemos de olvidar que el pueblo que vive esta devoción es, ante todo las grandes mayorías de América Latina. ¿Pueden ellos vivir, en medio de su pobreza y simplicidad, una vida cristiana auténtica? ¿Se requiere una gran formación trinitaria, cristológica, eclesiológica, sacramental y moral para poder ser cristiano?

Si es verdad que:

“el conjunto de los fieles, que han recibido por la unción del Espíritu Santo (cf 1 Jn 2,20.27), no pueden engañarse en el dato de la fe” (LG 12),

y que a los sencillos, a los simples, les fueron revelados de manera especial los misterios del Reino, entonces será preciso afirmar que este panorama no debe ser tan sombrío y deficiente como podría parecer.

¿Se corre el peligro de que María pueda sustituir a Cristo, el único Mediador (1 Tm 2,5), fuera del cual no hay salvación (Hch 4,13)?

Para solucionar este problema podríamos comenzar por recordar la afirmación de Juan Damasceno de que María es el compendio de todos los dogmas:

“El solo nombre de Theotokos, —Madre de Dios—, contiene todo el misterio de la ‘economía’.”²³

La aplicación dogmática de Éfeso de María como Theotokos, establece una clara vinculación no sólo con Jesús, sino con toda la Trinidad. María es *la “Madre del Hijo de Dios y, por eso, hija predilecta del Padre y sagrario del Espíritu Santo”*, como

23 JUAN DAMASCENO, La fe ortodoxa III, 12: **PG 94**, 1029 c).

afirma el Vaticano II (LG 63) y repite Paulo VI en *Marialis Cultus* (MC 56). Toda la vida de María, especialmente desde la encarnación, está bajo la fuerza del Espíritu que descendió sobre ella (Lc 1,35).

María nos lleva a Jesús. Por esto en Oriente su imagen está unida a la de Jesús y, a través de la unión física de la Madre y del Hijo, se expresa la comunión entre Dios y la humanidad. Frente al riesgo de monofisismo cristológico, la presencia de María da a la figura de Jesús un gran realismo encarnatorio y humano. Es así cómo, la mariología nos conduce a la cristología.

El pueblo intuye que en la Iglesia está María y reasume en su vida los misterios de la fe. El “Dios siempre mayor” que se encerró en las entrañas de María, se esconde ahora en los dogmas marianos.

La devoción mariana es un hecho innegable que caracteriza al cristianismo latinoamericano más popular, persistente y original. Está presente en los orígenes mismos de la fe cristiana en el Nuevo Mundo. Desde esos mismo orígenes, la presencia de María proporcionó dignidad a los que se encontraban en situación desfavorecida, proporcionó esperanza a los tratados injustamente y motivación a los distintos movimientos en busca de liberación.²⁴ Al margen de su interpretación y valoración, el hecho de la centralidad de María en la fe del pueblo latinoamericano no puede ser negado.

Una mariología desde los pobres ayuda a configurar una imagen de Iglesia pobre, y de los pobres (Juan XXIII en “Discurso de apertura del Concilio” y Francisco de manera reiterada).

Una nueva praxis social y eclesial está cambiando la Teología de María. Ésta tiene una palabra para decir a la Iglesia y a la sociedad. Para poder hacer este camino teológico hemos de introducirnos como Jesús respetuosamente en la realidad. Así como Él que no destruyó, sino que asumió; no confundió sino más bien autenticó. Se requiere conocimiento de la sociedad, penetración en la Palabra, en la religiosidad y discernimiento. Es necesario presentar a María en su real imagen evangélica teniendo en cuenta como advierte Paulo VI:

La iglesia, cuando considera la larga historia de la piedad mariana, se alegra comprobando la continuidad del hecho cultural, pero no se vincula a los esquemas representativos de las varias concepciones antropológicas subyacentes, y comprende cómo algunas expresiones de culto, perfectamente válidas en sí mismas, son menos aptas para los hombres pertenecientes a épocas y civilizaciones distintas (MC 36).

24 La principal devoción mariana de cada país latinoamericano remite a los orígenes y constituye una experiencia liberadora de los oprimidos de aquella tierra. Cf. V. ELIZONDO, “María y los pobres”, comprobación del Simposio del año 1977, en el Instituto Catequético Latinoamericano de Manizales (Colombia), en *Concilium* 188 (1983), 273.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139
Apartheid 39, 40, 41, 42, 139
Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139
Arte-Educação 10, 15, 16, 139

B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139
Condição feminina 39, 41
Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139
Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

D

Dança do Coco 1, 139
Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139
Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139
Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139
Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139
Estudo de caso 49, 139
Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139
Experiências Dançantes 1, 5, 139

I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139
Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139
Inversão de poder 39, 139

L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139
Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139

P

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

Q

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

R

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

S

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**
Editora

2 0 2 0